O *POESIAS VÁRIAS*, DE ANDRÉ NUNES DA SILVA, E O ELOGIO AOS GRANDES

Alexandre Sêneca Santos Macedo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-2955-760X
Endereço Eletrônico: alexandresantosmacedo1@gmail.com

Marcello Moreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7738-5661
Endereço Eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

Palavras-chaves: André Nunes da Silva; retórica; louvor; política monárquica.

INTRODUÇÃO

É característico das práticas letradas do século XVII que a metáfora deve ser representada na sua forma mais "aguda", portanto, a invenção da *agudeza* é uma das bases da produção poética do período, representado aquilo que é o melhor, ou seja, o cortesão como modelo idealizado do corpo político do Estado. Nesse sentido, cabe-me dizer como a poesia laudatória do ambiente áulico, objeto principal deste texto, segue a doutrina das preceptivas retórico-poéticas que circulavam na época — vide a preceptiva italiana *Il Cannocchiale Aristotelico*, de Emanuele Tesauro e a espanhola *Agudeza y Arte de Ingenio*, de Baltasar Gracián — e, portanto, seguia seus preceitos doutrinários nos processos da *inventio* e da *elocutio.* Além disso, é importante pontuar que cada obra, de cada gênero, deveria seguir uma doutrina genérica de verossimilhança, a *Ut Pictura Poesis*.

METODOLOGIA

O aparato teórico na definição dos temas aqui tratados tem como base a produção intelectual do professor João Adolfo Hansen. A proposta deste texto é justamente elaborar como essas categorias retóricas e poéticas, junto ao seu uso político, é capaz de explicar a produção poética

seiscentista do autor lusitano André Nunes da Silva, em particular, os sonetos laudatórios presentes em *Poesias Várias: Recolhidas por Domingos Carneiro*.

Do *corpus* de André Nunes da Silva, será analisada aqui um soneto cuja didascália é *Ao Marquez de Marialva, Na Occasiam da vitoria de Montes Claros, depois da memoravel da das linhas de Elvas*. Este é um poema laudatório de Nunes da Silva que louva o Marquês de Marialva, nobre de prestígio na corte portuguesa dos Seiscentos. Segundo a retórica anônima latina *Retórica a Herênio*, a composição faz parte do gênero retórico demonstrativo (ou epidíctico), que se "divide em elogio e vitupério" (Anônimo, 2005, Pág. 161). Já que o objetivo desse soneto é louvar uma figura da nobreza portuguesa seiscentista, cabe pensar, então, como são articuladas as características do subgênero "louvor", estudando-se quais preceitos retóricos e poéticos são atualizados quando da composição do poema. Interessa-me também o contexto político em que o poema foi composto e a relação entre prática de composição de sonetos laudatórios e a constituição de redes clientelares no século XVII, em que famílias da nobreza patrocinam poetas em troca de serviços da pena que lhes são prestados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gênero epidíctico em seu subgênero laudatório, segundo o livro de Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Poética*, tem como função louvar alguém ou alguma coisa e se pode dizer que o louvor "tem como caso paradigmático o discurso festivo, em honra de uma pessoa que deve ser celebrada (e, portanto, louvada), pronunciado por um orador, para isso mesmo contratado." (Lausberg, 1967, p. 84). Contudo, não ocorre de qualquer forma a homenagem à pessoa celebrada. Em *Retórica a Herênio*, é especificado como deve ser feito tal louvor, sendo este produzido considerando-se o conjunto de lugares-comuns argumentativos que são tradicionalmente empregados nessa composição. Segundo o anônimo do "a Herênio", os lugares-comuns argumentativos do subgênero louvor são aqueles que respeitam às coisas externas, ao corpo e ao ânimo.

A aplicação desses conceitos retóricos cabe àquilo que é definido como *Ut Pictura Poesis*, a doutrina de verossimilhança definida por Horácio em suas obras preceptivas, que entende a técnica poética homóloga à arte a partir "[...] dos procedimentos retóricos ordenadores dos efeitos de estilo

[...]" (Hansen, 2006, p. 117). A partir desse pensamento, esse conceito regula os gêneros de cada obra seguindo três funções retóricas: *docere*, *delectare* e *movere*; Hansen, parafraseando Wesley Trimpi, define cada uma como três categorias de oposição, respectivamente como: clareza/obscuridade; uma vez/várias vezes; perto/longe. Na obra de Nunes da Silva, ora abordada, o subgênero laudatório, entendido como um gênero médio — faz parte do gênero lírico — no Antigo Regime, deve seguir os preceitos desse. A fim de exemplificar, no soneto ao Marquês de Marialva o discurso aqui produzido é hermético, portanto, obscuro, sendo assim por ser um soneto de curto tamanho que circulava na corte, composta por *discretos*, ou seja, pessoas capazes de compreender esse tipo de produção; o uso da agudeza se torna algo justificável e exigido pela doutrina do gênero. Também, quando lido, as metáforas presentes necessitam que esse ato seja de perto. Para o terceiro e último conceito, este tipo de produção produz deleite (ou efeito) mais de uma vez, nunca perdendo o efeito do estilo proposto — *delectare*.

Segundo John Beverley, em seu artigo *Poesía cortesana y festiva: literatura de homenaje*, encontrado no livro *América Latina Palavra, Literatura e Cultura - Volume 1*, organizado por Ana Pizarro, a poesia de homenagem, que tem como objetivo festejar alguém juntamente em um acontecimento, é deixada de lado ou considerada descartável nos dias de hoje, em que o louvor se tornou algo quase ininteligível. Essa consideração errônea acerca desse gênero tem origem em leituras anacrônicas feitas posteriormente no século XIX, que já entendia pouco as práticas poéticas seiscentistas, tratando as práticas poéticas metropolitanas e coloniais do Império Português como "afetadas", quando comparadas à claridade elocutiva do século XVI e à poesia do século de ouro lusitano. É preciso considerar também que a produção e a recepção da poesia, no século XVII lusitano, implica a existência de uma minoria letrada aristocrática, já que grande parte da população não sabia ler; aqueles que estavam no topo da pirâmide social, ou seja, a nobreza, e aqueles homens e raras mulheres que fazem parte de suas redes clientelares, os poetas, que dominam o ofício das letras, a eles se lhes associavam na produção e na recepção da poesia, sobretudo de agudeza, ao tempo em que "os vulgares", que equivalem à maioria da população iletrada, não constituía o horizonte da recepção dessa poesia.

As letras no século XVII, como neste caso da poesia áulica, tinha também a função de ratificar o governo e de manter seu monopólio pelos meios da violência, isto é, não apenas de forma simbólica, mas escondendo e amortecendo os efeitos do monopólio e da violência estatal. Assim, o

ideal pregado nessa sociedade é que o indivíduo se submeta a uma autoridade e a uma ordem social em que se desconhece a autonomia do indivíduo própria da individualidade burguesa. O engenho é então uma virtude política associada ao poeta, que detém essa capacidade, produzindo um "trabalho" cultural especial que o coloca em um lugar de importância na sociedade de corte, o desassociando do povo e dando ênfase ao artista no destaque da legitimação política.

Com o soneto de André Nunes da Silva podemos entrelaçar todo o contexto histórico, político e econômico que justifica a produção laudatória no século XVII ao homenageado, nesse caso, o Marquês de Marialva, mais especificamente, D. Antônio Luís de Meneses, que conquistou esse título da nobreza portuguesa pelos seus feitos nas várias batalhas travadas entre portugueses e espanhóis, na região de Elvas e arredores. No caso desse soneto, o ato louvável é a vitória da batalha de Montes Claros.

A didascália já apresentada informa o leitor sobre a pessoa e os feitos de quem está sendo louvado. Na estrutura do soneto, os quartetos relatam o feito de guerra no qual o Marquês deve ser exaltado: "Outra vez denodado na campanha / Marialva se ostenta invicto, & claro / A ser de Portugal heroico amparo, / E a ser açoute da soberba Espanha. / Sente Castella sua ardente sanha, / Celébra a Patria seu valor preclaro, / Pois outra vez por seu esforço raro / O Ibéro perde quanto o Luzo ganha." (Silva, 1671, p. 95). Os atos heróicos de Marialva são o que assegura ao reino português liberdade frente à dominação castelhana e são eles os responsáveis pela expulsão dos espanhóis; Marialva é ainda enaltecido pelas já anteriores conquistas nas campanhas militares ocorridas na região, e também pela sua "invencibilidade" nas batalhas.

Por fim, os tercetos realçam o papel de destaque da figura do marquês como ilustre e que seus feitos o tornaram imortal para a história: "Oh inclyto Varão, levante Altares / A Patria illustre, que tal filho teve, / A teu nome imortal, por tantas glorias, / Pois no livro dos triunfos singulares / q̃ a fama aplaude, & tua espada escreve, / Pelas occasioens conta as victorias."(Silva, 1671, p. 95). O uso de tropos de linguagem aqui forma a imagem do Marquês que escreve com a espada no livro dos triunfos, não de forma literal, mas pela glória que as batalhas trazem, imortalizando a sua história através delas. A agudeza é utilizada decorosamente segundo o gênero laudatório, formando imagens que aqueles que estão "distantes" não seriam capazes de entender; o ornamento produzido pelo uso de agudezas de atribuição (A:B:C) em que, dois conceitos participam de uma única forma (unívoca) como no exemplo da "espada que escreve" conceituando uma imagem em que a espada

e o pincel, ambos de ponta afiada, uma para furar e outra para escrever, apresentam uma característica em comum (como uma única forma) que aproximam esses dois cognoscíveis distantes. O engenho do autor não obscurece o discurso ao ponto de não ser possível aos membros da corte não o compreenderem, mas sim, ao ponto de produzir uma beleza engrandecedora compreensiva somente àqueles que fazem parte do corpo Estatal, reforçando as *endoxa* — isto é, opiniões tidas como verdades absolutas — no ambiente áulico.

CONCLUSÕES

Quando se observa esse soneto, fica claro o objetivo de enaltecer um nobre pertencente à aristocracia portuguesa, também funcionando como uma forma de "guardar" a grandeza da pessoa louvada. Desse modo, a manutenção do poder monárquico ocorre, quando textos como esse, circulavam através de cartas entre os membros da corte e do Estado, tendo um importante papel político na reificação dos símbolos de prestígio e de autoridade. Portanto, era reforçada a hierarquia social e a estrutura desse tipo de governo, demonstrando que longe de ser uma bajulação, como uma leitura anacrônica o afirma, essa poesia tinha uma função muito importante na sociedade seiscentista, visto o lugar de importância que ocupava.

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO. **Retórica a Herênio**. Tradução, introdução e notas de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

BEVERLY, John. Poesía cortesana y festiva: literatura de homenaje. *In*: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura - Volume 1: A situação colonial. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 265-275.

HANSEN, João Adolfo. Ut Pictura Poesis e Verossimilhança na Doutrina do Conceito no Século XVII Colonial. **Floema:** Caderno de Teoria e História Literária, [S. l.], n. 2A, 2017. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/floema/article/view/1660. Acesso em: 24 nov. 2025.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de Retórica Literária.** Tradução de R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

SILVA, André Nunes da. **Poesias Várias**: Recolhidas por Domingos Carneiro. Lisboa: Domingos Carneiro, 1671. p. 95.